

## TERRITÓRIOS DE MILITÂNCIAS E PRODUÇÕES DE SUBJETIVIDADES ANDARILHAS NA AMÉRICA LATINA

Antônio Martins Vitor Júnior<sup>24</sup>

Fábio Hebert da Silva<sup>25</sup>

### Resumo

Propomos neste artigo problematizar a militância. Para tanto, lançaremos mão das discussões dos modos de produção de subjetividade e de vida. Este trabalho é sustentado por viagens pela América Latina. A escolha de viajar dá-se em função da ação estratégica na produção de conexões e alianças com movimentos que contribuam com práticas de militância. A imagem do andarilho, em contraponto à do turista, à luz dos nortes geográficos e magnéticos, é subsídio importante para a discussão dos modos de viajar e exercer militância. A militância, assim, emerge da afirmação da vida produzida nos encontros pelo andarilhar.

**Palavras chaves:** Produção de subjetividade. Militância. América Latina. Território.

## TERRITORY OF MILITANCY AND PRODUCTION OF WANDERER SUBJECTIVITY IN THE LATIN AMERICA

### Abstract

In this research we propose to problematize the militancy. Therefore, we shall lay hold of discussions about the ways of production of subjectivity and of life. This work is being sustained by trips throughout Latin America. The choice for traveling takes place(is) on the basis of strategic action towards the production of connections and alliances with movements that contribute with the denaturalization of certain practices of militancy. The image of the wanderer as opposed to the tourist, in light of the geographic and magnetic norths, is important subsidence for the discussion of the ways of traveling and exercising militancy. Militancy, thus, emerges from the affirmation of life produced in the encounters by the wandering.

**Key-words:** Production of subjectivity. Militancy. Latin America. Territory.

---

<sup>24</sup> Psicólogo e mestre em Psicologia Institucional pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), é fundador e diretor do Centro Cultural Eliziário Rangel e docente de psicologia na Faculdade Europeia de Vitória (FAEV). Desenvolve atividades ligadas à produção de subjetividade, cultura, artes e políticas no contemporâneo. [diretoria@cger.art.br](mailto:diretoria@cger.art.br)

<sup>25</sup> Psicólogo, Doutor em Educação pela UFES e professor adjunto do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós Graduação em Psicologia Institucional da UFES. Atua principalmente com os seguintes temas: Análise Institucional, Políticas Públicas de Saúde, Transdisciplinaridade e articulação entre Psicologia, Antropologia, Filosofia e Literatura. [fabiohebert@gmail.com](mailto:fabiohebert@gmail.com)

## Antes de qualquer coisa, uma apresentação

Caro leitor, este trabalho é um desdobramento da pesquisa de mestrado intitulado “Militâncias: andarilhando pelos territórios de vida”, defendido em 2015 junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional na Universidade Federal do Espírito Santo (PPGPI-UFES). Interessa-nos, tanto na dissertação quanto nesse artigo, pensar as práticas de militância no contemporâneo. Para nós a militância é importante pela possibilidade de criação de mundos e de possíveis. Para tanto urge questionar como vimos militando.

Desse modo, tentaremos fomentar caminhos, alimentado por discussões onde a militância é tomada como efeito das indagações e dos estranhamentos. A militância, assim, não está dada de antemão; ela emerge junto aos movimentos dos encontros forjados pelos caminhos desse texto. A atuação junto à população em situação de rua, através do *Projeto Andarilhos*<sup>26</sup>, no Brasil, disparou o interesse em uma pesquisa assentada nos encontros com movimentos na América Latina, sobretudo pelas legalizações da maconha, do aborto e do casamento igualitário no Uruguai; pelas lutas por educação pública e gratuita no Chile e com os movimentos zapatistas no México. A escolha por viajar dá-se em função da ação estratégica na produção de conexões e alianças com movimentos que contribuam com as desnaturalizações de certas práticas de militância e, simultaneamente, atente-as para a dimensão da produção da subjetividade. Objetivamos, com isso, produzir encontros e narrar histórias surgidas no percurso do andarilhar por territórios de vida. A militância, assim, emerge da afirmação da vida produzida nos encontros pelo andarilhar.

## Andarilhar enquanto princípio

Avaliamos que a viagem é uma importante ferramenta na construção de conexões de forças e intensidades subversivas, isto é, que tem a capacidade de

---

<sup>26</sup> O *Projeto Andarilhos* é um projeto de extensão vinculado ao Departamento de Psicologia da UFES desde 2010 e atua na cidade de Vitória junto à população em situação de rua vislumbrando uma vida que valha a pena ser vivida.

produzir rupturas no mesmo e no idêntico, instaurando modulações afirmadoras da vida enquanto múltipla e diversa. Por isso, nossas andarilhagens são orientadas por um norte, indicados por uma bússola. Nossa bússola nos é importante porque auxilia no deslocamento em certos territórios. Ela nos orienta, dando-nos uma referência provisória num espaço. A bússola sempre aponta para um norte. Entretanto, engana-se quem pensa que o norte apontado pela bússola é necessariamente um norte fixo e imutável. É que nossa bússola não aponta para um norte geográfico, mas sim para um norte magnético.

O norte geográfico é um norte das convenções, um norte arbitrário. A partir dele é que se define, de forma previsível, onde estão as demais direções. É usado para localizações de pontos pré-estabelecidos, num mapa bem detalhado e especificado. Porque já está dado, tal norte favorece os olhares gerais e universais, e acredita portar a verdade da rosa dos ventos. É um norte das certezas.

Já o norte magnético é um norte inventado. Varia de acordo com as ondulações de um mundo. O magnetismo é mutável. Flutua, com velocidades distintas. A configuração desse norte como referência está ligada à conjunção de forças de um lugar. É errante nos pontos cardeais. O norte magnético é um norte das experimentações.

Apostamos no norte magnético, que se modula sem deixar de ser referência, como uma orientação nas nossas viagens. Nos encontros que teceremos no andarilhar, um norte também se forja. Encontro e norte são co-emergentes.

Andarilhar, assim, é lançar-se aos encontros. Andarilha, sobretudo, aquele que se permite experimentar o que se passa em um lugar; e não apenas aquele que porta nas mãos passaporte e bilhetes para uma viagem. A imagem do turista em contraponto a do andarilho ajuda em nossa conversa<sup>27</sup>, entretanto, exige cuidado. Afinal, trata-se de estar em movimento e não de estabelecer categorias.

O turista está preocupado em conhecer o que lhe mostraram, seja em um filme ou em uma revista. Sua atenção está focada no ponto – turístico – e naquilo que

---

<sup>27</sup> Alguns elementos desse artigo foram subsidiados pelas discussões provocadas por Michel Onfray. A esse respeito consultar: *Teoria da viagem: poética da geografia*/ Michel Onfray; tradução de Paulo Neves – Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.

“já está lá”. Para ele não há *um* lugar, mas *o* lugar<sup>28</sup>. Há nas mãos, via de regra, guias ou roteiros do destino para obter um melhor panorama ou o ponto de vista “mais fiel” de onde visita. Ao viajar, o turista compara. Busca o que não varia. Seu olhar reconhece o que leu nos mapas e roteiros das agências de turismo. Está atento às linhas de igualdade e de semelhança, ambas ligadas a uma ideia de essência e comparação.

Diferente disso, um andarilho está atento às sutilezas e às forças que atravessam *um* lugar. Esse andarilho exerce uma capacidade de esquecer o que supostamente sabe dos lugares. Ele estuda como quem tateia os lugares, entretanto, não se contenta. Inquieto, lança-se nos lugares para experimentá-los. O esquecimento é importante na exata medida que lhe permite o abandono das certezas e das referências fixas. Desse modo, não há norte universal que o guie, mas há, tão somente, nortes experimentados e a se inventar. O norte é a composição de uma passagem. É no encontro com os magnetismos que um norte se forja. Um andarilho está atento às linhas de passagem e de composição.

O itinerário pode até ser comparável, a viagem não. Cada viagem é *uma* viagem, cujo irrompimento de histórias e geografias expressam a impossibilidade do enquadramento da experiência. É da ordem do singular. Assim, a fidedignidade ou a averiguação não fazem sentido a um andarilho. A viagem é o que favorece as conexões. Desse modo, andarilhar não é necessariamente dar a volta ao mundo; andarilhar é, em princípio, inventar mundos. E este é também o nosso princípio: a invenção de mundos cuja vida seja entendida para além do campo biológico; vida quanto sinergia coletiva forjada em um campo de intensidades<sup>29</sup>.

---

<sup>28</sup> O artigo definido “o” está destacado por indicar uma totalidade cara aos movimentos turísticos. Por sua vez, o artigo indefinido “um” também está em destaque e aponta para uma singularidade importante ao movimento andarilhante. Ao longo desse artigo, apostaremos no uso do segundo artigo.

<sup>29</sup> Sobre isso, ver: PÉLBART, P. *Poder sobre a vida, potências de vida* in: PÉLBART, P. *Vida capital – Ensaios de biopolítica* São Paulo, Iluminuras: 2011.

### Efeitos de andarilhagens: militâncias e produção de subjetividades

Hegemonicamente, subjetividade é tratada como antônimo de objetividade. Ora, se a objetividade é aquilo que está no plano das certezas, da quantificação, do “fora” e da mensuração, subjetividade seria o contrário. Nesse sentido, subjetividade pode ser entendida como algo intimista e pessoalizado, o que implica na criação, ou melhor, na preexistência de uma identidade essencial como dimensão interna, que determina a experiência. Lidar com subjetividade, nessa direção, seria o mesmo que lidar com modelos chapados e padronizados, que implicam certo modo de viver e sentir: um modo de ser homem, mulher, criança, de amar, de morar, de relacionar-se, de movimentar-se.

Podemos pensar a imagem do turista aproximando-se desse modo de conceber a subjetividade, por ter como problema a forma classificável, do que é e não muda. Esse turista é consumidor de pacotes de serviços. Sua preocupação é se a viagem contempla ou não suas expectativas. Poderíamos pensar que esse modo de entender a subjetividade atua nessa direção, acreditando haver um protocolo de como ser na vida: como ser homem, como amar, como ser criança, por exemplo. Traçam-se diretrizes que tentam inferir os graus de masculinidade, de amor e de infância; julgando, com crivos universais e apriorísticos, se se é mais ou menos homem, mulher, amor, etc. A identidade emerge nesse ponto e é “aquilo que faz passar a singularidade de diferentes maneiras de existir por um só e mesmo quadro de referência identificável” (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 80). Entretanto, essas expectativas nunca são contempladas por completo. Há algo, que é fundamental considerar, que escapa ao roteiro do guia de viagem do turista e a esses protocolos e *manuals* de como viver. Nesse sentido, conectamo-nos com outro modo de entender subjetividade, tomada na dimensão de produção.

Ao andarilho são caras e preciosas as singularidades dos encontros e, por isso, ele está mais próximo desse modo de entender subjetividade como usina, que “tem a ver, sim, com as maneiras como em princípio todos os elementos [...] funcionam e se articulam; ou seja, com a maneira como a gente respira, como a gente tem ou não vontade de estar aqui ou ir embora” (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 81).

A produção de subjetividade, portanto, conecta-se com um modo de produção do real, instaurando outra lógica na contramão das naturalizações e dos dados prontos e fixos. Trata-se, sobretudo, de invenção. Tudo é produzido, inclusive o modo de produção. Se há referências ou equilíbrios, eles são sempre provisórios. Com isso, a produção de subjetividade pressupõe a multiplicidade e a provisoriedade do real. E “as multiplicidades são a própria realidade, não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito” (DELEUZE; GUATTARI, 2009, p.8).

A subjetividade pode funcionar como um norte magnético quando se atenta às sutilezas das variações, das ondulações e das posições, fabricando nortes locais e situados. Um norte provisório que se forja nos encontros. Afirmar subjetividade como produção é um dos efeitos do andarilhar. Um outro seria justamente a militância. Tanto uma como a outra, assim, pode se forjar ora no campo das certezas ora no campo das experimentações, isto é, ora orientado por nortes magnéticos ora por geográficos. Não se trata de uma dicotomia dos nortes: trata-se de movimentos junto ao território. Como estar atento às produções de subjetividade e aos modos de militâncias mais atentos a dimensão da experimentação de um mundo, rompendo com os absolutos e afirmando singularidades e multiplicidades? Eis aí a questão que atravessa nossas histórias. Para situar do que estamos tratando elegemos uma das histórias narrada na dissertação a qual esse artigo se desdobra.

### **Um Zapata na festa do bairro**

Nos últimos dias de dezembro, no sudoeste do México, os bairros mais pobres da cidade de *San Cristóbal de las Casas*, no estado de Chiapas, fazem uma festa. A cidade estava repleta de pessoas, quase todas fantasiadas. Eram tartarugas ninjas, Bobs Esponjas, Chaves e Batmans. Como procissão, o povo seguia os carros alegóricos que iam logo à frente, como que puxando a caminhada. Nos carros havia personagens bíblicos. Parecia-nos que todo o povo daquela cidade caminhava naquele percurso festivo, que cortava a cidade de leste a oeste.

Vimos a movimentação pela porta de onde estávamos. Decidimos caminhar junto àquela multidão. Dois quarteirões de passos bastaram para conhecermos Victor. Acompanhava-o seu irmão e mais duas crianças pequenas. Não demorou até que conhecêssemos as suas respectivas esposas, mães dos pequenos. Antes mesmo do terceiro quarteirão, estávamos todos apresentados.

- *De onde você é?*

- *Do Brasil*, dissemos.

- *Brasil? Branco assim? Achei que fosse Italiano, Canadense, gringo*<sup>30</sup>.  
Sorrisimos.

- *Somos latino-americanos então! Mescla de histórias e de gente*, disseram-nos.

Passamos pela praça, seguimos pela calçada, paramos na rua da feira. Nossas conversas compunham certa paisagem político-existencial. Victor conta-nos de um México marcado pela exploração de um norte. Falava em transitar, enquanto mexicano-chiapaneço, por territórios produzidos entre um sul do norte e um norte do sul. É que, da América do Norte, região continental onde seu país se localiza, o México é o mais sulino, o mais mesclado. A mescla era entendida, por certo norte, como uma perda do original, dizia-nos.

- *Que original?*, questionamos.

Victor ria. Contava-nos de um México que, ao mesmo tempo, era um norte no sul, por atualizar movimentos de desqualificação com os vizinhos latinos - sobretudo ali na região fronteiriça com a Guatemala - e um sul do norte, referindo-se à relação, sobretudo, com os Estados Unidos e o Canadá.

Mas como funcionava aquilo?

A risada dele era uma chacota a esses nortes geográficos que tentam ignorar os magnetismos e estabelecer uma verdade única, uma história padrão. Rimos com ele.

---

<sup>30</sup> Gringo, para grande parte dos países da América Latina, refere-se às pessoas provenientes dos EUA. Contam que tal expressão originou-se no México, quando em luta contra a ocupação territorial dos estado-unidenses. Vestidos de verde, os soldados dos EUA eram expulsos aos gritos pelos soldados mexicanos que, em inglês, ordenavam: *green, go!* No Brasil, a expressão gringo é genérica e refere-se a estrangeiros de qualquer nacionalidade.

Victor não gostava dos que vinham do norte. E chamava-nos a atenção: os do norte podem vir de qualquer ponto cardeal, independentemente da posição geográfica do globo terrestre. O norte global, do qual Victor não gostava, parecia ser um norte da arrogância e da prepotência: o norte que crê portar a verdade. Tal norte foi o que possibilitou, ao longo da história, o massacre das civilizações Maias e Astecas. É esse norte que ainda se esforça em empreender um entendimento binário entre o que é melhor e pior, desenvolvido e subdesenvolvido, fabricando rankings que tentam qualificar e quantificar a vida por medidas calcadas em critérios universais.

Atrás dos carros alegóricos, caminhávamos e celebrávamos a produção de um norte outro; um norte menos nortista e mais aberto às variações. Como o outro, esse norte também pode vir de qualquer direção do planeta, entretanto é, em qualidade, radicalmente distinto do anterior. É local e situado. Um norte com estória. Victor contava que estar atento às variações de um território é o que pode permitir a vida num lugar. Isto é, uma vida não julgada por crivos universais e invasores, mas sim uma vida que se avalia por critérios tão situados e provisórios como o próprio norte.

Victor conta-nos que os índios originários daquele sudoeste mexicano dedicavam-se a pensar nas variações do mundo. Inventaram um calendário e uma organização do tempo em estações. Isso era possível porque dedicavam atenção às variações daquele território. Plantavam, assim, alimentos e cultivavam relações sintonizadas com certos magnetismos. Maia significa amor. E amor pressupõe cuidado. Cuidar é estar atento a essas vibrações, sutis vibrações indicadas por um norte.

Victor continuava a nos dizer que a atenção e o cuidado com os magnetismos, estes que temos aqui e nos transformam provisoriamente naquilo que somos, permitem-nos inventar. Uma colheita de um verão nunca é idêntica à anterior e possivelmente jamais será como a próxima. O que colhemos, dizia, fala de um cultivo pautado em harmonia com os magnetismos vários: os da terra, os do vento, os da chuva, os do sol... Inventamo-nos junto a eles. Se a harmonia muda, isto é, se o mundo muda, nós mudamos também: e o contrário é verdadeiro. O mundo e nós estamos em harmonia, fazemo-nos juntos – contava-nos.



As praças, as calçadas e a rua da feira já tinham ficado pelo caminho. À nossa frente jazia uma Igreja. Ela tinha a beleza com que apenas o barroco mexicano poderia presenteá-la. Como de costume, a porta estava aberta. Entramos.

*-Você acredita em Deus? – pergunta-nos.*

Gaguejamos. Somos percorridos pelas discussões acadêmicas, por nossas formações não universitárias, pelas certezas e dúvidas de uma vida.

*– Sim, respondemos.*

*- Sou Zapatista.*

Lágrimas nos nossos olhos. Para ele, ser Zapatista implicava em ter fé. Nosso olhar lacrimejava de beleza. Algo entre nós atçou uma fé, atçou uma confiança.

*- É que ser Zapatista é algo perigoso por aqui, dizia-nos.*

Saímos da Igreja e comemos da mais gostosa comida chiapaneca que pode haver. É que, ao final da caminhada da Festa do Bairro, as pessoas compartilhavam um almoço que era servido no horário do jantar.

Anoiteceu.

Em um gesto de cuidado, Victor fez questão de nos levar até o centro de *San Cristóbal*. Antes de nos despedirmos, ele nos avisou que a luta chegou à cidade. Está em todo mundo, afirmava. Mas exige. É que a revolução não faz as compras do fim do mês, lamentava-se. E cumprimentamo-nos afirmando que ser Zapatista, antes de tudo, é ter fé nas forças magnéticas que constroem tanto um lugar quanto nós mesmos.

Apertamos as mãos e os corações. Prometemos que estaríamos sempre em contato. Nunca mais nos vimos. Nunca mais nos desconectamos dele.

## Como fazer outro mundo possível?

A partir de nossas histórias-trajeto percorridas, apostamos não mais o novo, mas sim o *outro*. A novidade é própria do capital<sup>31</sup>; serve como mercadoria aos turistas, orientados somente por nortes geográficos. O novo está intimamente ligado com os movimentos do comércio, do que é mercado. O *outro*, ao contrário, está ligado com as experimentações, os devires e as subversões. O possível, assim, estaria ligado não ao plano do novo, mas sim a do *outro*.

Certos ventos sulinos, dos quais nosso amigo Zapata se referia, refrescam os sentidos produzidos nos encontros América Latina afora. O que acena para nós é o entendimento de que a vida não é uma posse, tampouco uma propriedade ou um bem. A vida não é, por natureza, atrelada às engrenagens do capital. Afirmar isso é afirmar que a vida desconhece os absolutos de dono e as verticalizações das relações de patronato. Assim, a vida, quando não atrelada às engrenagens do capital, não pode apenas ser nova: a vida pode também ser outra.

As experimentações da vida estão conectadas com linhas do público, isto é, com linhas da multiplicidade<sup>32</sup> e da singularidade<sup>33</sup>, sempre coletivas, locais e situadas.

A vida é tecida por meio de várias práticas sociais que se forjam no embate desigual de forças instituintes – forças não hegemônicas – com forças instituídas, isto é, forças hegemônicas<sup>34</sup>. O embate dessas forças dará contorno ao que Lourau (2004)

---

<sup>31</sup> Entendemos que o capital funciona como máquina, produzindo riquezas, mercadorias e subjetividades. Tal maquinaria está intimamente ligada “à instauração, a longo prazo, de imensas zonas de miséria, fome e morte, que parece, daqui em diante, fazer parte do monstruoso sistema de ‘estimulação’ do Capitalismo Mundial Integrado” (GUATTARI, 1990, p. 12). Desse modo, tal arranjo capitalístico, como nos diz Félix Guattari (1990, p. 15), indissocia-se “da produção de existência humana em novos contextos sociais”.

<sup>32</sup> Multiplicidade, na esteira deleuziana, longe de ser um conceito abstrato, diz de atravessamentos coletivos que não se limitam a um sujeito ou um objeto e que apontam para as diversidades.

<sup>33</sup> Singularidade diz das diferenças que nos compõe em nossas relações com o mundo.

<sup>34</sup> O instituído diz respeito às forças majoritárias e vigentes. O instituído, ao contrário, diz respeito as forças que estão em vias de instituir-se, são forças não hegemônicas. O jogo entre essas duas dimensões, como aponta Lourau (2004) faz como que uma instituição seja realidade inacabada, sempre em construção.

chama de instituição<sup>35</sup>. Assim, emergem as instituições amor, família, amizade, viagem, militância, entre outras.

Entre as instituições, a instituição pesquisa é cara para nós. Apostamos que há a possibilidade subversiva da produção de outros movimentos no curso do saber que ajudem a aumentar o brilho da aquarela que é a vida. No entanto, não se trata de um elogio à pesquisa em si. Há práticas de produção de vida e de morte, simultaneamente nas pesquisas em curso. São as práticas que dão o tom as instituições; e assim também é com a instituição pesquisa.

Os nortes em nós de certo modo de se fazer pesquisa tinham a meta de trazer termos de consentimentos assinados. Tais termos, num certo modo hegemônico de entender pesquisa, era a garantia que contássemos dos encontros, das histórias e dos casos pela América Latina. No entanto, essa certeza gaguejou. No Uruguai tivemos recusas por assinaturas individuais: os termos foram assinados em nomes dos coletivos. No Chile o mesmo se passa. Já no México nos deparamos com uma pergunta-provocação, após a negativa de assinar o termo: “- *Desde quando alguém pode conceder uma história?*”.

A impossibilidade de consentir uma história acontece justamente por que a vida diz de embates de forças que extrapolam o campo das identidades. Ao tomar a vida na dimensão da produção, do coletivo e do plural estamos, necessariamente, abandonando as crenças no estado de coisas internas ou externas a nós mesmos. Não há, dessa forma, plumas de essência ou céus de transcendência (ROLNIK, 2011). Os encontros, portanto, não são entre pessoas. Os encontros são entre intensidades, devires e forças. A crença no sujeito é uma crença na unidade e na permanência (NIETZSCHE, 1887) e pressupõe noções de interioridade e exterioridade, ambas alinhadas com um entendimento de uma subjetividade-identidade, caras àqueles que se orientam exclusivamente pelos nortes geográficos, ignorando o magnetismo dos nortes. Desse modo, as histórias são públicas, por excelência.

Os encontros, destarte, produzem outros sentidos, tanto para os nortes geográficos, quanto para os magnéticos, uma vez que a questão, para nós, não é o

---

<sup>35</sup> A instituição, para Lourau (2004), “não é um nível da organização social que atua a partir do exterior para regular a vida dos grupos ou as condutas dos indivíduos” (LOURAU, 2004, p. 71). A instituição passa por dentro dos liames da vida, produzindo-nos e sendo produzida, ininterruptamente.

norte em si, mas as práticas que o engendram, produzindo as instituições – pesquisa, por exemplo. O exercício, aqui, não é o da negação do norte geográfico, mas sim a afirmação dos magnetismos que forjam um caminho a ser andarilhado. A afirmação já faz minguar a hegemonia das práticas que escutam apenas as certezas geográficas.

Nos rastros de um entendimento hegemônico dos nortes geográficos, a militância é entendida como uma ação programática com regras claras e objetivas podendo ser exercidas em grupos, comumente concebidos com movimentos sociais. Tais grupos sociais possuem líderes, pautas, atas, membros, apoiadores e outras tantas coisas.

Esse modo de militância, ainda muito atual, por vezes é aprisionado por um modo burocrático, que encerra as ações dos movimentos sociais em um caráter reivindicatório e identitário. A esse respeito, o livro *Urgência das Ruas: Black Block, reclaim the streets e os dias de ação global*, organizado pelo Ned Ludd<sup>36</sup>, defende que:

A chave para entender o papel do militante e do ativista é o sacrifício próprio – o sacrifício de si mesmo pela “causa”, que é vista como algo separado de si próprio. (...) O martírio revolucionário caminha junto com a identificação de alguma coisa separada da sua própria vida – uma ação contra o capitalismo que identifica o capitalismo como “lá fora” na city é fundamentalmente um engano (2002, p. 31).

E continua dizendo que:

O sacrifício próprio do militante ou do ativista é refletido no seu poder sobre os outros como *expert* – da mesma forma como, numa religião, existe um tipo de hierarquia do sofrimento e da honradez. O ativista assume poder sobre os outros pela virtude de seu alto grau de sofrimento (grupos ‘não hierárquicos’ de ativistas formam, de fato, a ‘ditadura do mais empenhado’). O ativista utiliza a coerção moral e a culpa para ganhar mais poder sobre os outros na teogonia do sofrimento. A subordinação de si mesmo anda de mãos dadas com a subordinação dos outros: todos escravizados pela causa (2002, p. 32-33).

Tal modo de entender a militância caminha junto de modos nos quais não apostamos. Pensamos que a militância pode ser potente não quando é entendida

---

<sup>36</sup> Alertamos, aqui, para o caráter fictício da autoria desse livro. O autor Ned Ludd é alguém que ninguém conhece; alguém que se aproxima mais de uma tática de autoria. O livro compõe a coleção Baderna, que aposta na mídia independente e autônoma. Vale dizer, ainda, da relação do nome Ned Ludd com o movimento ludista do início do século XIX, quando os trabalhadores ingleses questionavam o modo de funcionamento das relações de trabalho, na chamada Revolução Industrial.

como um especialista da “causa”, colando e grudando à vida num plano raso e pobre, mas quando é aberta e atenta aos magnetismos, reinventando-se como a aurora: cotidiana, simples e crucial à vida.

Esse modo de funcionar na militância estaria próximo aos exercícios de um andarilho. Atreveríamos a pensar o andarilho como militante, no sentido em que ele produz movimentos no *socius*. Uma vez que tem o desafio de ajudar nos processos de criação de passagens e afirmação da vida, o andarilho exercita um caráter xereta. E xeretar,

(...) implica atentar-se ao que se passa despercebido, em ficar à espreita e vasculhar com insistência por entre as porosidades que nos são apresentadas como muros de concreto armado. Requer manter o corpo em estado de inquietação permanente. Enquanto bisbilhota por entre fissuras, o xereta vai se sujando com as cores, os cheiros e poeiras do mundo. Não é possível xeretar sem ‘outrar-se’, sem contaminar-se com os movimentos na vida, ao mesmo tempo em que estes movimentos são importunados pelas ações que efetuamos. O movimento que o xereta efetua faz a vida diferir, bordando-a com outros matizes [...]. Por isso, xeretar requer abrir-se ao estranhamento dos modos de existência instituídos e banalizados, àquilo que em nós não há respostas prévias e é índice de nossa ignorância (HECKERT, 2012, p. 248).

Nos rastros de Ana Heckert (2012), apostamos nas forças da vida que atuam na emergência de outras qualidades em nossas relações com o mundo. Relações que subvertem as individualizações, as hierarquias, os especialismos, os racismos, os corporativismos, os machismos e toda e qualquer relação de dominação que tenta reduzir as potências da vida. Relações andarilhas e de militância. Fazer emergir outra qualidade nas nossas relações é produzir um caráter xereta nas filigranas da vida, forjando brilhos que não ofuscam olhos, mas inviabilizam certezas. Como o sol, que irrompe a noite no leste, uma atuação nessa direção afirma a vida, na sua dimensão pública. Caminhando por esses territórios, conectamo-nos com um modo andarilho de exercer militância. Afinal andarilhar não implica em dar a volta ao mundo: andarilhar é, em princípio, criar mundos - inauditos, encarnados, possíveis e urgentes.

## Referências

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 3. São Paulo: Ed. 34, 2009.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 1990.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografia do desejo**. Petrópolis: Vozes, 2005.

HECKERT, A. *Xeretar* In: FONSECA, T.; DO NASCIMENTO, M.; MARASCHIN, C. Org. **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

LOURAU, R. *Objetivo e método na análise institucional* In: ALTOÉ, S. Org. **René Lourau: analista institucional em tempo integral**. São Paulo: Hucitec, 2004.

LUDD, N. **Urgência das ruas: Black Block, Reclaim The Streets, e os dias de ação global**. Coletivo Sabotagem, 2002.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**. São Paulo: Braziliense, 1987.

ONFRAY, M. **Teoria da viagem: poética da geografia**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

PELBART, P. **Vida capital: ensaios de biopolítica**. São Paulo, 2011.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

Data de envio: 31 de janeiro de 2018

Data de aceite: 30 de junho de 2018.